

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Não é possível explicar o Brasil sem floresta [It is not possible to explain Brazil without forest]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Fachin, Patricia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-27 22:21:40
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/159824">http://hdl.handle.net/20.500.12424/159824</a>

## “Os estudantes brasileiros têm de conhecer mais a Amazônia e gerar conhecimento”

próximas: para cada hectare inundado, devem ser estimadas outras áreas públicas para novas unidades de conservação. Se essas áreas forem criadas, os impactos desses empreendimentos podem ser minimizados. Como 0,5% do valor desses projetos será destinado à compensação ambiental, cerca de 400 a 800 milhões de reais podem ser utilizados.

**IHU On-Line - Uma nação pode enriquecer econômica e socialmente preservando a natureza?**

**Adalberto Veríssimo** - Sim. É possível utilizar os recursos florestais se o manejo for adequado. O Brasil ainda tem muitas florestas e as áreas já desmatadas são suficientes para abrigar à agropecuária. Portanto, é possível ter desmatamento zero daqui para frente. Também é possível manejar as florestas em pé e destinar um percentual para a conservação da biodiversidade.

**IHU On-Line - As pesquisas em relação ao futuro da Floresta Amazônica nem sempre são animadoras. O senhor acha que um dia poderá se falar em ex-floresta no Brasil? Qual sua perspectiva em relação ao futuro do ecossistema?**

**Adalberto Veríssimo** - O destino da floresta será decidido nesta década através das tomadas de decisões. De um lado, há uma pressão da sociedade e da comunidade internacional para conservar as florestas e reduzir o desmatamento. Nesta perspectiva, sou otimista. Entretanto, políticas públicas e medidas como as de alteração do Código Florestal podem comprometer avanços em relação ao combate do desmatamento. Ainda há chance de que a agenda da conservação do uso sustentável seja vitoriosa. Então, não sou fatalista e pessimista. A Amazônia ainda tem solução.

## “Não é possível explicar o Brasil sem floresta”

“A Mata Atlântica assegura a qualidade e a quantidade de água para 112 milhões de pessoas, quer dizer, dois terços da população brasileira dependem da floresta para consumir água de qualidade”, informa Clayton Ferreira Lino, presidente do Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica

POR PATRICIA FACHIN E RAFAELA KLEY

**P**ara garantir a sustentabilidade das florestas tropicais, não basta criar unidades de conservação isoladas, é preciso investir em preservação territorial, protegendo as florestas “nos contextos em que elas estão inseridas”, defende Clayton Ferreira Lino, em entrevista concedida à IHU On-Line, por telefone. “Quando se fala em proteger a Mata Atlântica hoje, tenta-se proteger os remanescentes desta floresta. Entretanto, essas áreas protegidas, às vezes, são pensadas como ilhas isoladas em meio a uma paisagem destruída. Neste contexto ambiental precário, elas não conseguem sobreviver ou conservar a biodiversidade”, argumenta.

No Brasil, a Mata Atlântica é um exemplo peculiar de floresta fragmentada, que se estende do litoral do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte. Segundo Lino, parte dos remanescentes da floresta está localizada em áreas privadas e desprotegidas. Portanto, para recuperar esses ambientes, é preciso “criar corredores entre eles, desenvolver atividades que não aumentem a devastação e, se possível, integrar e conectar estes fragmentos entre si e com áreas protegidas. Precisamos pensar a floresta como um todo, ou seja, pensar em unidades de paisagem a serem conservadas, restauradas e reconectadas”, ressalta.

Clayton Ferreira Lino é formado em Arquitetura pela Universidade Mackenzie de São Paulo e especialista em Conservação de Manejo Florestal. Atualmente, preside o Conselho Nacional da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O senhor defende a preservação territorial das florestas, especialmente da Mata Atlântica, e não apenas de unidades isoladas de conservação. Pode nos explicar essa visão territorial? Quais os desafios neste sentido?**

**Clayton Ferreira Lino** - O caso da Mata Atlântica é emblemático para explicar essa visão territorial. A floresta era uma das maiores do mundo, entretanto, na visão desenvolvimentista brasileira, ela atrapalhava o crescimento do país.

O desenvolvimento brasileiro foi pensado por meio da agricultura, da pecuária, das indústrias, e, nesse contexto, a floresta era utilizada como fonte de matéria-prima. Há mais de 500 anos, os portugueses exploraram o Pau-Brasil e outros recursos florestais. Portanto, o primeiro ciclo econômico brasileiro aconteceu via um processo predatório dessa espécie. Esta visão de desenvolvimento se manteve ao longo dos anos, mudando apenas a planta a ser explorada: araucária, palmito jussara, imbuia.

Como atrapalhavam a extensão agrícola e pecuária, as florestas não faziam parte de um zoneamento em que se buscava garantir a qualidade da água, da paisagem, do sombreamento de solo. A urbanização também contribuiu para a destruição da mata. O poder público nunca planejou a construção de casas e cidades onde existia uma fazenda ou terras de plantio. A opção foi “passar em cima da floresta”. Ou seja, as áreas florestais sempre foram consideradas improdutivas e eram vistas como “terra de ninguém” para ser ocupada.

### Preservação integral

Quando se fala em proteger a Mata Atlântica hoje, tenta-se proteger os remanescentes desta floresta. Entretanto, essas áreas protegidas, às vezes, são pensadas como ilhas isoladas em meio a uma paisagem destruída. Neste contexto ambiental precário, elas não conseguem sobreviver ou conservar a biodiversidade. Por isso, é necessário pensar as áreas protegidas nos contextos em que as florestas estão inseridas. A Mata Atlântica está fragmentada e localizada também em áreas privadas, desprotegidas.

Se quisermos conservar o restante da floresta, precisamos primeiramente articular a sociedade com os proprietários rurais, com os municípios e reconectar estes fragmentos. Ou seja, precisamos criar corredores entre eles, desenvolver atividades que não aumentem a devastação e, se possível, integrar e conectar estes fragmentos entre si e com áreas protegidas. Precisamos pensar a floresta como um todo, quer dizer, pensar em unidades de paisagem a serem conservadas, restauradas e reconectadas.

### Manejo sustentável

Não é possível transformar todos os fragmentos e remanescentes de Mata Atlântica em área protegida do Estado. Então, é preciso envolver a sociedade e para tal, além de educação ambiental, conscientização e mobilização, é preciso garantir benefícios aos donos de terras que optarem pela preservação das florestas. Não há condições de colocar um fiscal em cada fragmento

**“Não há condições de colocar um fiscal em cada fragmento da Mata Atlântica. Portanto, o fiscal tem que ser o próprio proprietário, os moradores da região”**

da Mata Atlântica. Portanto, o fiscal tem que ser o próprio proprietário, os moradores da região.

Também é preciso pensar em mosaicos de áreas protegidas, porque às vezes se tem um conjunto de áreas protegidas como se cada uma fosse um território isolado. Essa ideia de mosaico propõe uma gestão integrada das áreas protegidas, independente do município ou do estado em que a floresta esteja localizada. Somente assim será possível atuar politicamente para a conservação dos territórios.

**IHU On-Line - Como esses corredores ecológicos terrestres e marinhos podem manter a preservação da Mata Atlântica?**

**Clayton Ferreira Lino** - O corredor de biodiversidade terrestre liga um fragmento a outro, ou uma área protegida a outra. A função dele é aumentar a possibilidade de a natureza desenvolver e manter suas funções para não perder espécies. O corredor hídrico está ao longo de um rio e integra-se junto à mata. Nesse sentido, o corredor tenta recompor a paisagem.

Existem também os corredores das reservas da biosfera. Essas reservas são áreas reconhecidas internacionalmente pelo Programa Homem e Biosfera, da Unesco. No Brasil, existem sete reservas da biosfera, basicamente uma para cada grande bioma brasileiro: **Amazônia Central**<sup>1</sup>; **Cerrado**; **Ca-**

1 A Reserva da Biosfera da Amazônia Central está localizada na área do Projeto Corredor Ecológico Central da Amazônia, no interior do Estado do Amazonas. A Reserva tem por elemento estrutural de seus territórios o conjunto de Áreas Protegidas contínuas, formado pelo Parque Nacional do Jaú, pela Estação Ecológica de Anavilhanas, pelas Reservas Ecológicas do Rio Negro, Javari-Solimões e de Juami-Ja-

atinga<sup>2</sup>; **Pantanal**<sup>3</sup>; **Cinturão Verde** da cidade de São Paulo, que é parte integrante da grande reserva da biosfera da Mata Atlântica, mas que tem sua especificidade; **Serra do Espinhaço**<sup>4</sup>; e **Mata Atlântica**, que vai do Ceará ao Rio Grande do Sul, e é a maior reserva da biosfera da rede mundial da Unesco. Ela envolve hoje 16 dos 17 estados que possuem Mata Atlântica, e tem 78 milhões de hectares, sendo que 700 mil hectares estão protegidos.

Esta grande reserva da biosfera tem um sistema de gestão formado por um conselho nacional, por comitês estaduais e vários outros colegiados. Esses órgãos são formados por cidadãos comuns e por representantes do governo. Portanto, trata-se de uma grande articulação para conservar a natureza, promover o desenvolvimento sustentável e o conhecimento tradicional e científico dos ecossistemas que ali vivem.

### IHU On-Line - Como vê as mudanças

purá, pela Reserva Biológica de Uatumã, pela Floresta Nacional de Tefé e pelas Reservas de Desenvolvimento Sustentável de Mamirauá e Amanã, entre outras de menor extensão territorial. (Nota da IHU On-Line)

2 **Caatinga**: único bioma exclusivamente brasileiro, o que significa que grande parte do seu patrimônio biológico não pode ser encontrado em nenhum outro lugar do planeta. Este nome decorre da paisagem esbranquiçada apresentada pela vegetação durante o período seco: a maioria das plantas perde as folhas e os troncos tornam-se esbranquiçados e secos. A caatinga ocupa uma área de cerca de 850.000 km<sup>2</sup>, cerca de 10% do território nacional, englobando de forma contínua parte dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia (região Nordeste do Brasil) e parte do norte de Minas Gerais (região Sudeste do Brasil). (Nota da IHU On-Line)

3 **Pantanal**: constituído principalmente por uma savana estépica, alagada em sua maior parte, com 250 mil km<sup>2</sup> de extensão, altitude média de 100 metros, situado no sul de Mato Grosso e no noroeste de Mato Grosso do Sul, ambos Estados do Brasil, além de também englobar o norte do Paraguai e leste da Bolívia (que é chamado de chaco boliviano), considerado pela Unesco Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera, localizado na região o Parque Nacional do Pantanal. Em que pese o nome, há um reduzido número de áreas pantanosas na região pantaneira. Além disso, tem poucas montanhas o que facilita o alagamento. (Nota da IHU On-Line)

4 **Serra do Espinhaço**: cadeia montanhosa localizada no planalto Atlântico, estendendo-se pelos estados da Bahia e Minas Gerais. Seus terrenos são do éon Proterozóico e contém jazidas de ferro, manganês, bauxita e ouro. (Nota da IHU On-Line)

**no novo Código Florestal em relação às áreas de preservação permanente das florestas? O que atual texto revela sobre a posição ambiental brasileira?**

**Clayton Ferreira Lino** - O atual texto do Código Florestal demonstra que alguns setores da sociedade ainda são muito retrógrados e não pensam o Brasil no século XXI. Pelo contrário, continuam pensando o país do século XIX. Para eles, a discussão atual é sobre a questão de conservação versus desenvolvimento. Esse debate já está ultrapassado: não é possível fazer conservação sem desenvolvimento, nem desenvolvimento sem conservação.

No texto do Código Florestal prevalece a ideia de crescimento econômico a qualquer custo, de uma forma predatória e imediatista. Infelizmente, esse pensamento ainda é muito expressivo no Brasil, porque os setores que defendem essa política detêm o poder econômico e estão aliados ao agronegócio, um dos setores mais ricos do país. Além disso, muitos deputados não têm compromisso com a questão socioambiental

#### **Código para a agricultura**

O Código Florestal foi feito para a agricultura e não para o meio ambiente. Em 1965, o primeiro Código Florestal Brasileiro objetivava conservar a qualidade do solo, da água, do clima para a propriedade rural, para evitar riscos de perdas de safras por enchentes, desmoronamentos. Portanto, a legislação tem uma base técnica científica inquestionável. Se alguém retirar a mata ciliar da beira do rio, por exemplo, é óbvio que vai gerar erosão, assoreamento e, conseqüentemente, aumentarão as enchentes.

O relatório do deputado Aldo Rebelo<sup>5</sup> trata a questão ambiental como

5 José Aldo Rebelo Figueiredo (1956-): jornalista e político brasileiro, membro do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e deputado federal eleito diversas vezes pelo mesmo partido,

**“O atual texto do Código Florestal demonstra que alguns setores da sociedade ainda são muito retrógrados e não pensam o Brasil no século XXI. Pelo contrário, continuam pensando o país do século XIX”**

se fosse uma equação matemática: tal área é útil ou inútil. Para ele, proteger encostas significa perder área de cultivo agrícola e pecuário; diminuir a proteção na beira dos rios significa colocar mais áreas para a produção, como se a natureza não tivesse limites.

O atual texto também tenta reduzir de 30 para 15 metros a beira dos rios. Vale lembrar que as pessoas que morreram nas enchentes em Petrópolis e Teresópolis moravam dentro deste limite de 30 metros. Então, ao reduzir essa medida, aumenta-se o risco.

**IHU On-Line - Qual a importância das florestas como patrimônio natural e cultural?**

**Clayton Ferreira Lino** - As florestas tropicais ocupam pouco mais de 7% da superfície terrestre, mas abrigam mais de 50% de todas as espécies que existem no Planeta. Elas são o grande reduto da diversidade biológica. Como parte da natureza, dependemos dela para tudo: construir nosso abrigo, alimentos, remédios.

**Costumo dizer para as pessoas visi-**

**representante do estado de São Paulo na Câmara dos Deputados. (Nota da IHU On-Line)**

tarem a Mata Atlântica nas suas casas: basta abrir a geladeira para encontrar o caju da Mata Atlântica, maracujá, licor de jabuticaba, pizza de palmito - a palmeira do palmito se chama jus-sara e é uma planta da Mata Atlântica. Os móveis e as cadeiras são feitos de araucárias da Mata Atlântica. A floresta está no nosso dia a dia e não percebemos.

Além disso, a Mata Atlântica assegura a qualidade e a quantidade da água para 112 milhões de pessoas, quer dizer, dois terços da população brasileira dependem da floresta para consumir água de qualidade.

A Mata Atlântica é uma das mais belas florestas do Planeta. Regiões como Rio de Janeiro, Fernando de Noronha, sul da Bahia, Foz do Iguaçu têm Mata Atlântica. A floresta é um patrimônio extremamente rico e precisa ser valorizado como tal. Ela é essencial para as nossas vidas.

Não é possível explicar o Brasil sem floresta. Costumamos dizer que este é o país do futebol, do carnaval, da praia, e esquecemos de falar que também é o país da floresta. Nossa própria identidade cultural está associada a este tipo de ecossistema.

**IHU On-Line - É possível estabelecer uma agenda comum para a conservação das florestas brasileiras?**

**Clayton Ferreira Lino** - Sim. Esta é a nossa única opção. O Brasil precisa dessa agenda comum, precisa amadurecer em termo de compromissos ambientais. Temos de parar de desperdiçar este patrimônio gigantesco. Precisamos dialogar, ter bom senso, compromisso com o futuro.

No próximo ano, o país vai sediar a Rio+20 e espero que até lá possamos mostrar avanços efetivos na área florestal. O Brasil teve grandes avanços nestas últimas décadas e criou áreas protegidas. Contudo, vive agora um momento de pressão e retrocesso.

**Leia a Entrevista do Dia em  
www.ihu.unisinos.br**